

Resumo

Este texto apresenta, em microtextos, considerações sobre ideias, experiências e vivências de práticas na educação a distância. Convida o leitor para reflexões acerca do cotidiano de agentes da EaD em processos de ensino e de aprendizagem, utilizando metodologias ativas, conceitos, instrumentos, concepções e práticas que evoluem e apresentam ao mesmo tempo pontos e contrapontos relevantes para o aperfeiçoamento dessas práticas.

Palavras chaves: Metodologias Ativas, PBL, Design Educacional. Personas e Disponibilidade Psicológica. Designer Instrucional.

Microtexto I:

PBL (Aprendizagem Baseada em Problema) : uma metodologia que pode se transformar em um problema metodológico?

O aligeiramento ou a oferta indiscriminada dessa metodologia ativa pode ser um “tiro no pé”...

Convidado para avaliar os resultados da implantação dessa metodologia em uma IES, vê-se depois do diagnóstico de percepção e apropriação que os resultados apontam para algumas suspeitas identificadas anteriormente.

Após dois meses de trabalho, a quatro mãos utilizando *Design Thinking*, felizmente parece que estamos conseguindo reverter a situação de resistência e de descrédito encontrada nas entrevistas da maioria dos professores que participou do processo.

Alguns pontos críticos identificados e que estão sendo trabalhados:

1. Educação não é matemática em que $2+2=4$, principalmente porque o centro das atenções são as pessoas, suas realidades e expectativas; seus medos erros e acertos; a centralidade humana e suas individualidades.
2. O entusiasmo com as metodologias ativas tem limite e esse limite deve ser respeitado, pois são originárias de teorias científicas diferenciadas, com propósitos e contextos bem definidos.
3. Não se aplicam em qualquer propósito de formação, ambiente ou modos de capacitação, visto que elas são referenciais teórico-metodológicos e não sobrevivem sem a compreensão de seus pressupostos e o envolvimento autorreflexivo dos estudantes. Em alguns contextos elas exigem a interação entre pares, a experimentação ou vivência da prática e a mão na massa dos seus usuários, mentores, professores e aprendizes.
4. Observando suas teorias e práticas (aplicadas), descobre-se que sem o tripé: conhecimento prévio (qual o propósito da PBL?), experimentação laboratorial (presencial ou virtual) e atendimento às expectativas (materializado em ideação, produção, inovação, satisfação, descobertas e crenças), os resultados de sua implantação ou formação são poucos ou ineficazes.

5. O uso de tecnologias mediadoras deve ser considerado como coadjuvante para não inverter a lógica cognitiva e não comprometer os princípios teórico-metodológicos das metodologias ativas.

Parecem óbvios, mas como nesse caso e noutros, ao longo dos últimos 10 anos, acredita-se que foram ignorados ou despercebidos transformando a PBL em um problema metodológico de concepção, de aplicação e de resistência...

Algumas considerações adicionais:

- Educação não é matemática em que $2+2=4$, principalmente porque o centro das atenções...

A considerar a “centralidade humana” como a origem da educação, creio que os pesquisadores como Lindeman, Eduard e outros, do pós-segunda guerra mundial, que participaram da reconstrução do significado e de práticas da aprendizagem profissionalizante na Alemanha e parte da Europa; que participaram da reorientação na educação do adulto pretendiam demonstrar, por meio de suas pesquisas, que a educação só fazia sentido e conseguia cumprir a sua missão transformadora se a centralidade humana e seus contextos fossem levados em conta, não como coadjuvantes, mas como peças principais. Convém destacar que nesse contexto é importante compreender o que esses pesquisadores estavam considerando como “centralidade humana”: o humano ou o adulto como centro das atenções?

Nesse sentido, imaginar que as metodologias ativas estão para o aprendizado como a equação $2+2=4$, seria no mínimo um desrespeito aos seus pressupostos.

Tenho observado que a pandemia, dentre os seus legados, colocou na mesa de reflexões a revisão de alguns valores e dentre eles a urgência em aceitarmos os nossos erros, nossos fracassos sem o compromisso de justificativas como se fôssemos eternos devedores... Olhando de forma ampliada, revendo sentimentos, emoções e valores pós C-19, talvez essa nova concepção de vida esteja indiretamente fortalecendo o avanço do uso da metodologia ativa – Aprendizagem Invertida ou Aprendizagem pelo Erro, que possui fundamentos teóricos diferentes da PBL e tem sido muito bem aceita, especialmente, na educação do adulto.

Deixo aqui uma pequena reflexão sobre um caso de sucesso com a PBL. <https://lnkd.in/e9UKdscb> [#metodologiasativas](#)

- Não se aplicam em qualquer propósito de formação, ambiente ou capacitação...

Em 2012, após compilação e análise do resultado da pesquisa que fiz sobre a aplicação da PBL em comparação com outra metodologia ativa, a Sala de Aula Invertida, com 83 professores do ensino superior (de várias áreas do conhecimento), alguns declararam não acreditarem que a PBL se aplicaria a todas as áreas representadas no grupo de professores, especialmente em algumas das ciências humanas e da filosofia. Resolvi testar essa suposição em cinco cursos de formação de professores para a EaD no período de 2014 a 2020 e, para a surpresa de todos, os processos de apropriação das teorias e da aplicação metodológica da PBL apresentaram resultados mais eficientes e superiores, com raras exceções, nos trabalhos dos professores das exatas, das sociais aplicadas, das engenharias e da saúde, das oito grandes áreas representadas. Considerou-se nessa pesquisa exploratória que o objeto central da problematização para estudo, atividades práticas, análises e proposições estivesse relacionado com algum das oito áreas.

Esses resultados poderiam estar associados à dificuldade de realização de estudos, de experimentações e de práticas que exigem a comprovação metodológica não aplicáveis nas ciências humanas?

- O uso de tecnologias mediadoras deve ser considerado como coadjuvante...

Essa talvez seja uma das maiores dificuldades de concepção na aplicação da PBL, visto que muitos professores ainda acreditam que sem a tecnologia as metodologias ativas não são aplicáveis. Observou-se durante alguns cursos de capacitação em PBL que a imposição tecnológica adotada por alguns professores, em seus estudos e propostas, tornou-se um entrave na compreensão dos pressupostos teóricos e metodológicos, diferentemente dos resultados apresentados por aqueles professores que se apropriaram dos fundamentos e das práticas metodológicas em suas pesquisas, estudos e debates entre pares. Convém destacar que o uso da tecnologia como mediação, em alguns casos, contribui fortemente para o enriquecimento das formas, dos artefatos produzidos, das estratégias, dos estudos e da comunicação compartilhada, dos meios e dos ambientes de experimentação da PBL, mas isso não lhe confere o status de imprescindível na aplicação das metodologias ativas.

Microtexto II:

Design Educacional, uma perspectiva inovadora muito além da instrução.

Com a chegada da C-19, as demandas educacionais no ensino superior e no ensino médio cresceram de modo marcante, com destaque para a revisão curricular, a atenção diferenciada aos estudantes, os protocolos de segurança sanitária nas escolas, a inovação e a revisão de modelos educacionais vigentes.

Os processos de qualificação, treinamento, capacitação de professores e de equipes de gestão educacional ministrados desde o início da pandemia; as demandas e atendimentos relacionados ao propósito de mentoria para qualificar equipes de EaD em Design Educacional Inovativo (DE-i) têm sido produtivos deixando legados importantes como a conscientização da necessidade de empreender com inovação na educação; a confiança, a inovação e a cooperação como pressupostos para um serviço de qualidade em tempos de incertezas (OCDE, 2020).

É interessante perceber que já na Kick Off a equipe do projeto descobre as diferenças entre o Design Instrucional - DI (velho conhecido) e o propósito do DE-i, deixando claro as inquietações que virão pela frente.

Nesse sentido, alguns questionamentos durante as mentorias destacaram algumas descobertas e instigaram não só o diálogo entre os participantes, mas, principalmente, a curiosidade e a vontade de alguns de relatarem experiências e vivências entre realidades e desejos - durante a rodada de aprendizagem em pares e as atividades de confronto - que permitiram fazer uma análise comparativo-qualitativa representada por dúvidas e intervenções pessoais e coletivas.

Pontos principais que surgiram, até aqui, neste aprendizado mútuo:

1. O DE-i baseado no tripé aprendizagem, inovação (tecnológica e metodológica) e humanização da EaD se destaca em razão das perspectivas de segurança, de ubiquidade, sustentabilidade e aderência à nova convivência com o mundo digital, com a robotização na educação e com as relações humanas em processo de desenvolvimento ou de aperfeiçoamento das soft skills e da aplicação do portfólio, tangível, das hard skills.
2. No desenvolvimento do projeto, a instrução é gradativamente substituída pelo pensamento crítico-criativo originário da proposta de divisão de responsabilidades, na cocriação, explorando teorias e práticas do Design Thinking, das EdA- Estações Digitais de Aprendizagem e da Jornada do Estudante entre as equipes de projeto e as expectativas destas, de modo a destacar o propósito

do DE-i e permitir que haja a compreensão das conexões entre o planejado, os requisitos, a produção e a oferta construídos a quatro mãos.

3. A integração entre tecnologias mediadoras, propósito formativo e as realidades dos estudantes, dos professores e das equipes de projeto são pontos de concentração e de convergências durante todo o processo de construção coletiva do DE-i. Destaca-se ainda, nessa perspectiva, a integração entre os quatro modelos de gestão da EaD, sendo eles o de Administração e Sustentabilidade, Modelo Educacional, Modelo tecnológico e o Modelo da Visão Sistêmica (WR3 EaD).

4. O desenvolvimento baseado em métodos ágeis permite alcançar resultados positivos entre o planejado, o executado e a gestão de feedback e de expectativas. Aqui, o destaque vai para a preocupação com a aplicação desses métodos, visto que a prática mostra que antes de aplicá-los é preciso que além dos profissionais envolvidos a alta administração esteja segura dos riscos que esses métodos podem trazer, para o desenvolvimento do design educacional, caso ela não esteja envolvida e comprometida com os processos, produtos, pessoas e resultados esperados.

5. A instrução é o que menos interessa ou é dispensável, visto que o objeto central são os resultados apurados nas Sprints e Daily Meetings, na capacidade de transformação e de adaptação do projeto baseado no DE-i. Embora haja uma extensa bibliografia sobre o DI – Design Instrucional é comum observar na aplicação do Design Educacional Inovativo - DE-i a inversão ou confusão de princípios ou de pressupostos que fundamentam a aplicação dessas duas metodologias. Nesse sentido Tractenberg, 2021, P.1, apud Smith e Ragan, 1999, esclarece que o DI é “o processo sistemático e reflexivo de traduzir princípios de cognição e aprendizagem para o planejamento de materiais didáticos, atividades, fontes de informação e processos de avaliação”. Para Alex Romiszowski e Lina P. Romiszowski:

(...) houve sucessos, seja por meio de materiais instrucionais na forma de instrução programada, seja na aplicação dos princípios de condicionamento comportamental na formação de hábitos e atitudes (...)

em referência ao trabalho de pesquisas e de práticas, em não humanos, de Skinner autor de técnicas e da metodologia de planejamento sistemático de ensino e aprendizagem que deram origem ao DI.

Nessa perspectiva apresentada pelos autores acima referenciados, observa-se que as etapas do DI (com a utilização de instrumentos, métodos e técnicas) são instrucionais e focadas em conteúdo, na aprendizagem e no ensino, com alguns pré-requisitos entre elas, direcionadas para o desenvolvimento de cursos de treinamento, capacitação, qualificação ou disciplinas acadêmicas, enquanto para alguns pesquisadores e autores contemporâneos o contexto e o propósito do design educacional diferem do instrucional nas dimensões amplas e sistêmicas do ecossistema educacional objetos centrais do DE-i.

É inegável as contribuições do DI e seus instrumentos, bem como da participação do Designer Instrucional na comunidade acadêmica, mas a C-19 tem provocado mudanças significativas em seus pressupostos e no método original, com reflexos diretos em conceitos e práticas antes sedimentados. Em relação a esse profissional, como um dos responsáveis pela implantação do desenho instrucional em projetos da EaD, a pandemia tem recomendado novos requisitos adicionais às competências e ao seu perfil/portfólio que devem fortalecer o seu desempenho.

Essas mudanças fizeram-me lembrar de ter feito um curso, em 2006, sobre essa perspectiva metodológica de desenvolver projetos de EaD, quando procurava compreender a sua lógica pedagógica e a sua aderência às demandas da educação mediada tecnologicamente a distância, e

naquela época a "bola da vez" era o projeto pedagógico do curso hoje considerado apenas como um dos elementos que compõem o DE-i.

Tenho observado que, em reuniões de análise de requisitos para as funções e atividades do Designer Instrucional, a desinformação sobre essa profissão e os serviços prestados na EaD ainda é grande. Em 2015, nove anos depois, observando o modo como as tecnologias exponenciais e a ubiquidade influenciavam o pensamento crítico sobre as estratégias andragógicas e pedagógicas; sobre a lógica cognitiva e o que essas duas variáveis recomendavam como revisões nos princípios filosófico-metodológicos dessa proposta, deparei-me com alguns contrapontos refletindo sobre o que determina o CBO 2394-35 (2010) do Ministério do Trabalho para o exercício profissional do Designer Instrucional.

Nesse sentido, o CBO 2394-35 – Código Brasileiro de Ocupação, define como atividades e funções do Designer instrucional:

Implementam, avaliam, coordenam e planejam o desenvolvimento de projetos pedagógicos/instrucionais nas modalidades de ensino presencial e/ou a distância, aplicando metodologias e técnicas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Atuam em cursos acadêmicos e/ou corporativos em todos os níveis de ensino para atender as necessidades dos alunos, acompanhando e avaliando os processos educacionais. Viabilizam o trabalho coletivo, criando e organizando mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo comunicativo entre a comunidade escolar e as associações a ela vinculadas.

Na esteira dessas mudanças comparadas como as funções e atividades acima, observa-se que há indagações de alguns gestores educacionais sobre a influência do trabalho do Designer Instrucional em projetos educacionais, com o seguinte questionamento: "talvez estejamos descobrindo que há um hiato entre o que queremos e o que o DI pode fazer para atender as nossas novas demandas de EaD nesses novos tempos".

Nessa perspectiva de integrar pessoas, inovação, expectativas, contextos e propósitos eu diria que avançamos muito além da instrução no complexo sistema da educação. Creio que essa prática esteja intimamente ligada ao novo cenário de consultoria e papéis que envolvem ubiquidade, tecnologias exponenciais, EdA, trilhas de aprendizagem e transformação, métodos ágeis, aprendizagem invertida, sucesso do cliente, captação e gestão de permanência isso tudo associado à engenharia da educação andragógica.

Microtexto III:

Personas: desejos e limites institucionais de atendimento

Durante a última daily meeting de planejamento, de um curso online, surgiu um fato curioso: como gerenciar ou tratar a relação desejos x limites institucionais na implementação da jornada do estudante a partir das representações identificadas?

Apesar dos diversos momentos exploratórios do conceito de PERSONA e suas cinco dimensões que orientam o design educacional do projeto, essa indagação, que no momento pareceu inoportuna, foi considerada por todos como o "pulo do gato" da daily.

Primeiro tivemos de relembrar e debater sobre as cinco dimensões teóricas e de significados da PERSONA:

1. Sua identificação e dados demográficos
2. Suas dores ou inquietações
3. Desejos
4. Influências
5. O que ela espera de ajuda ou quais seriam as soluções para as suas dores.

Em seguida abrimos o seguinte debate:

1. Os desejos identificados nas entrevistas determinam que sejam correspondidos na oferta e na gestão do curso?
2. O que fazer quando as limitações institucionais são maiores que os desejos das personas?
3. Em caso afirmativo, o que poderia representar essa preponderância institucional no resultado do atendimento a buyer persona?
4. Quais elementos de análise e de ação devem ser considerados para mitigar os impactos dessa relação desejos x limites institucionais?

Observou-se que, a partir desse conjunto de indagações, a equipe do projeto descobriu algumas encruzilhadas a serem exploradas e esclarecidas para que a ação dos estudantes, dos professores e do designer educacional pudessem ocorrer dentro das expectativas do propósito do curso.

Uma das curiosidades e preocupações identificada no relatório técnico da jornada dos estudantes foi o pivô para o exaustivo debate na daily sobre o tema (objeto de análise), quando um dos participantes colou na mesa de debates a seguinte questão: há desejos de que, durante o curso, os professores atuem, em determinadas situações de aprendizagem, como consultores. O que isso poderia trazer de prejuízo ou de benefício ao curso?

A resposta a essa indagação pode representar o caminho ou ações de como evitar o risco de evasão e de rejeição durante cursos a distância, especialmente cursos assíncronos ou online, independente se corporativos ou acadêmicos. Isso se considerarmos o nível de expectativas, desejos, gostos, preferências e formas de agir catalogados no processo de identificação das personas e no desenvolvimento da jornada do estudante.

Enfim, ao final da daily ficou a impressão de que os conceitos e teorias atribuídos ao design thinking na identificação do perfil semifictício das personas e da jornada do estudante são apenas a ponta do iceberg na aplicação dessas metodologias no desenvolvimento, implantação e gestão de expectativas do projeto.

[#designthinking](#) [#persona](#) [#jornadadoestudante](#)

Microtexto IV:

Explorar a disponibilidade psicológica do professor pode ser um achado em tempos de incertezas!

Impressionado com o efeito da descoberta! O professor, como todo profissional, precisa de confiança, reconhecimento e autonomia para assumir novos desafios, mas também precisa de uma boa dose de disponibilidade psicológica...

Estudando e experimentando os efeitos da disponibilidade psicológica na ação docente considerada um dos elementos impactantes no comportamento e nas atitudes do adulto em situações de risco, de desafios, observa-se que aqueles que possuem ou desenvolveram essa soft skills com pontuação entre 6 a 9 (no intervalo de 1 a 9 steps), da régua de desempenho profissional

andragógico (Wr3 EaD), reduzem o nível de estresse ao receber uma demanda complexa, se relacionam melhor com seus colegas de equipe e influenciam positivamente no humor, na disponibilidade, na iniciativa, na inovação e no resultado do trabalho em pares.

Vivemos tempos difíceis e a complexidade dos processos educacionais com a chegada da C-19 passou a exigir dos professores novos requisitos dos quais muitos não faziam parte do nosso dia a dia, mas vejo isso com bons olhos, pois o novo é sempre uma grande oportunidade. Estávamos imersos em uma realidade defasada que está se ajustando, em alguns casos, de modo abrupto, mas necessário.

A situação da educação no país e no mundo não está fácil para ninguém, mesmo para a turma da “elite educacional” e seus pseudos donos. No Brasil, segundo a mídia e indicadores internacionais, a situação é mais dramática e as evidências da insustentabilidade são demonstradas na quantidade de vendas repentinas de IES após o início da pandemia. Por aqui temos problemas de reconhecimento na remuneração paga aos professores, problemas de ensino público defasado-politizado, de deficiência tecnológica, de planejamento educacional deficiente, de currículos fora da realidade dos brasileiros e de falta de humildade epistemológica cenário propício para a autorreflexão sobre como explorar da melhor forma possível a disponibilidade psicológica do professor e como desenvolver essa disponibilidade.

Nesse status quo da educação no país e entre as extremidades de um “sanduíche” educacional encontram-se o professor e o mentor que estão descobrindo o peso do significado das soft skills de sobrevivência: habilidades interpessoais. Porém, o complexo novo ambiente educacional ou a nova ordem educacional, imposta pela pandemia, tem exigido como parte desse sanduíche a disponibilidade psicológica (uma tradução derivada dos dez pressupostos da andragogia na educação do adulto, com ajuda das teorias da psicologia humanista centradas no comportamento do adulto e sua autorrealização).

Curioso também, que durante a pandemia a "disponibilidade convencional", velha conhecida, está perdendo força no conjunto dos elementos que compõem o novo observatório e os novos requisitos para uma boa seleção de pessoas para o time de uma empresa ou IES – Instituição de Ensino Superior. A influência transformadora dessa soft skills é notória e tem fortalecido o compromisso do time com o propósito de novos desafios, com o compromisso de assumir novos projetos e de ser parceiro do propósito da empresa/instituição.

Esse novo elemento, da complexa trama das relações humanas, pode servir de parâmetro na hora da decisão, como desempate, quando analisado conjuntamente com a experiência acumulada e os títulos acadêmicos apresentados pelo candidato à vaga de professor ou de mentor.

Nesse contexto, caberia a indagação: Qual seria a relevância em de exigir muita experiência ou a contratação de um PhD no processo seletivo para a sua instituição sem a disponibilidade psicológica?

[#scrum](#) [#engenhariaeducacional](#) [#ead](#) [#estaçõesdeaprendizagem](#) [#designeducacional](#)
[#metodoagil](#) [#Designthinking](#) [#designinstrucional](#)

Referências:

HEINSFELD, Bruna Damiana de Sá Sólton; **PENA** Ana Lucia. **Design educacional e material didático impresso para educação a distância: um breve panorama**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/gwtX4bQv89WXJMh7zHgBgGK/abstract/?lang=pt>

Acesso em: 02 dez. 2021.

PROGRAMADORES, AVALIADORES E ORIENTADORES DE ENSINO - CBO 2394-35. CARGOS.COM.BR, 2021. Disponível em: <https://cargos.com.br/profissao/programadores-avaliadores-e-orientadores-de-ensino/cbo-2394-35/> Acesso em 01 dez. 2021.

ROCHA, Enilton F. Os dez pressupostos da aprendizagem do adulto, um olhar diferenciado na educação do adulto. Disponível em: <https://wr3ead.com.br/os-dez-pressupostos-andragogicos-da-aprendizagem-do-adulto-um-olhar-diferenciado-na-educacao-do-adulto/> Acesso em: 25 nov. 2021.

_____ Metodologias Ativas: um desafio além das quatro paredes da sala de aula. Disponível em: [http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias Ativas alem da sala de aula Enilton Rocha.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias%20Ativas%20alem%20da%20sala%20de%20aula%20Enilton%20Rocha.pdf) Acesso em: 03 dez. 2021.

ROMISZOWSKI, Alex; ROMISZOWSKI, Lina P. Retrospectiva e Perspectivas do Design Instrucional e Educação a Distância: Análise da Literatura. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/168/48> Acesso em 15 nov. 2021.

SAMPAIO, Suzana. Design Thinking. Um despertar para uma ferramenta criativa e inovadora. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Webin%C3%A1rio%207%20-%20Design%20Thinking.pdf> Acesso em: 30 nov.2021.

TRACTENBERG, Régis. O Design Instrucional e suas etapas. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13291113-O-design-instrucional-e-suas-etapas.html> Acesso em: 25 nov. 2021.